

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

AS RUÍNAS LUSO-ROMANAS DOS CASTÊLOS, NA VILA DE PAÇOS DE FERREIRA.

DINIS, Manuel Vieira

Ano: 1978 | Número: 88

Como citar este documento:

DINIS, Manuel Vieira, As Ruínas luso-romanas dos Castêlos, na vila de Paços de Ferreira. *Revista de Guimarães*, 88 Jan.-Dez. 1978, p. 187-190.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

As Ruínas Luso-Romanas dos Castêlos

(Na Vila de Paços de Ferreira)

Por MANUEL VIEIRA DINIS

O espectáculo das ruínas é uma tremenda lição para os que crêem na perenidade das mais gigantescas realizações materiais.

Quantos ideais, quantos sofrimentos, quantos sacrificios, quantas esperanças, quantas ilusões elas traduzem!

MENDES CORREIA

(Da oração de elogio ao sábio Martins Sarmiento, no Centenário do seu nascimento — 1933)

O apelativo de Castêlos, a designar uma parte do monte sobranceiro à povoação das Quintãs, a sueste da vila de Paços de Ferreira, seria já sinal de aviso para pensar-se na existência remota de um castro ou castros rudimentares e seu sistema defensivo.

Ora os vestígios ainda presentes são elementos de valia para um descritivo em pormenor, no seio desta publicação prestante, por pouco divulgados e pelo silêncio que intencionalmente se fez à sua volta, com receio de perturbação...

O relevo topográfico apresenta-nos dois colos distintos, não muito distantes um do outro. Para o sul, o bravio denuncia feição tipicamente castreja, embora não se descortinem trincheiras de granito ou de lastro terroso. O chão, porém, está povoado de restos de cerâmica luso-romana, ninhos de escória de ferro, fragmentos de vasos, telhas. A exposição, testa a testa com os castros de Busto e Vila (Penamaior), e para a Citânia de Sanfins mais a Norte, é excelente, por horizonte largo.

O pequeno outeiro a cento e tantos passos andados no sentido da aldeia mais próxima (Quintãs) também não se vê praticamente demarcado por qualquer linha de cintura definida. Em deformada meia-laranja desenvolve-se um socalco de pedra sobreposta e solta, um tanto ou quanto inexpressivo na função do reduto. Para o observador: apenas umas rotas abertas a menos de um metro de fundo, nas quais se descobrem alicerces rectilíneos e paralelos entre si; esses caboucos são constituídos por pequenas pedras com argamassa e restos de outras construções. As valas têm um comprimento de uma vintena de metros e acusam divisórias de par a uns três metros, e a seguinte para quatro metros. É fácil a recolha de pedaços de cerâmica, sobretudo de tijoleiras e de telha de meia cana, bastante encorpada mas perfeita de fabrico; alguns pedaços vêm-se pintados com listras rubras ou sulcos estéticos.

Em 1895 verificou-se um ensaio de escavações, após o aparecimento de uma vasilha de barro de tipo castrejo. Iniciara a prospecção o recebedor da comarca Abílio Severiano de Magalhães Brandão; seguiu-se-lhe no ano imediato o Dr. Francisco Dias Socorro.

O periódico concelhio «Jornal de Paços de Ferreira» relatara a propósito: «Na direcção do nascente para poente, a um metro de profundidade, vêm-se alicerces de alvenaria bem construída e sobre estes uma parede de tijolo, argamassado em barro, atravessando de N-S por uma feira de pedras toda a bouça dos Castêlos.»

Por aqui se ficou a notícia com esta luzinha acesa, determinante...

Volvidos setenta anos foram evidentes as peugadas da investigação feita à superfície: as citadas valetas esventradas e agora cobertas de urze e caruma.

Da feira de pedras a cortar toda a bouça desvendou-se o que já não era mistério por aí além, na Primavera de 1945, quando se procedia à abertura da estrada das Quintãs para Modelos. Então depararam-se a certa profundidade (nalguns pontos mais de dois metros) fortes indícios de uma grande edificação rectangular, assente em diagonal ao rumo da nova artéria de trânsito.

Removeu-se com interesse e curiosidade todo o lastro interior e exterior, dando depois ideia mais exacta da sua estrutura e dimensão. Teria uns vinte metros de

comprimento por oito de largura, e seccionada por três dependências desiguais, mas aproximadas no espaço livre, por dentro.

No revolver de terras encontraram-se mós manuais de granito, e larga profusão de cerâmica, sobretudo telha de vários formatos. No corte que ficou patente no monte, ainda hoje são visíveis as amostras de tal olaria.

Anos atrás, o saudoso sábio entomólogo Pe. Ramiro Neves chegou a falar-me da recolha de restos metálicos, mós e louça doméstica de laboração pobre.

Em 1932, durante a construção da vivenda de Santo António do Rego, que é vizinha da bouça dos Castêlos, apareceram algumas vasilhas características das necrópoles lusio-romanas da região, agasalhadas em nichos cavados em rocha branda. Exemplaes perfeitos, de diversa tipologia, embelezam o interior da moradia, e pelos jardins repousam mós correntes dos nossos castros.

O douto rev. Eugénio Jalhay visitou as ruínas no alinhamento da projectada via e pronunciou-se sobre a autenticidade das mesmas. Reconheceu-lhes importância arqueológica. Fixou a sua época no terceiro ou quarto séculos d. C.

Promoveram-se diligências para o desvio da estrada, afim de se pouparem as expressivas ruínas, e possivelmente a exploração do terreno adjacente. Todavia, quando menos se esperava, tudo se esfumou... porque aquilo acabaria por incomodar terceiros.

A destruição foi imediata. O Pe. Jalhay, que havia pedido ao Dr. Mendes Correia para actuar em trabalhos de estudo, teve de dar o dito por não dito do reconhecido valor do achado arqueológico. Entretanto a Câmara Municipal apressara a venda de cerca de cem carros de pedra de todo o conjunto.

Estas ruínas no monte dos Castêlos sugerem-me a existência tardia, mais do que um bloco defensivo, de uma quadra habitacional de senhor romano entregue a exploração agrícola. De um edificio único e seus anexos (uma vez apagado da realidade o remoto castro altaneiro) fez núcleo tentacular de toda a actividade a que obrigava o arar da terra. Erguera-se ali o seu paço, espreguiçara-se a propriedade (que não daria para muitas villae); antes a seus pés fez arrotear bem contornadas quintãs — outro topónimo do sítio — e golpe além, a génese de um

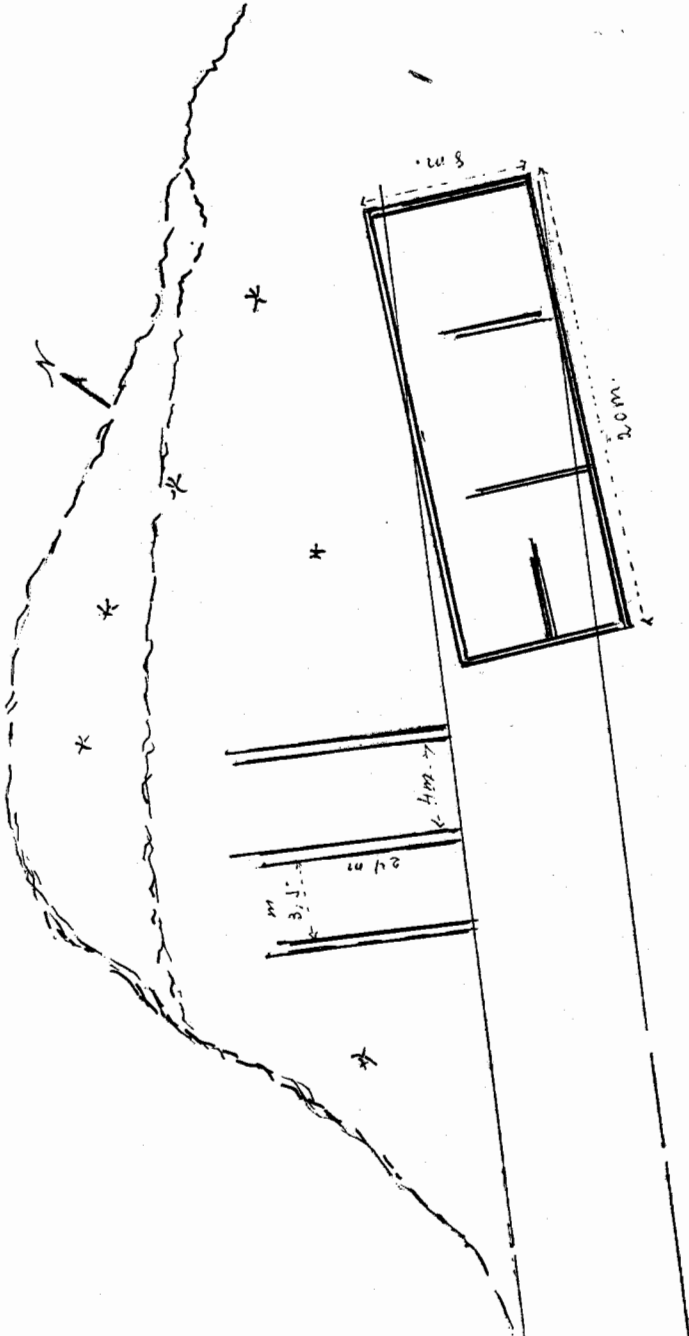
aldeamento — Vilar, a que Leite de Vasconcelos atribuía importância, pela certeza de um castro ou castêlo, imediatamente na coroa do terreno.

Permitam-me teimar: as ruínas arqueológicas em referência, por seu paço, e abundância manifesta de jorra de ferro, não teria dado ensejo à denominação medieval de «palatiolo de ferraria»? Há sempre uma origem toponímica, e ela surge aqui um tanto luminosa e fagueira!... Só foi pena que a picareta oficial tivesse concorrido para a destruição do possível averbamento de identidade da encantadora sede de Paço de Ferreira, que não sabe de fonte segura, donde lhe proveio baptismo tão afidalgado!...

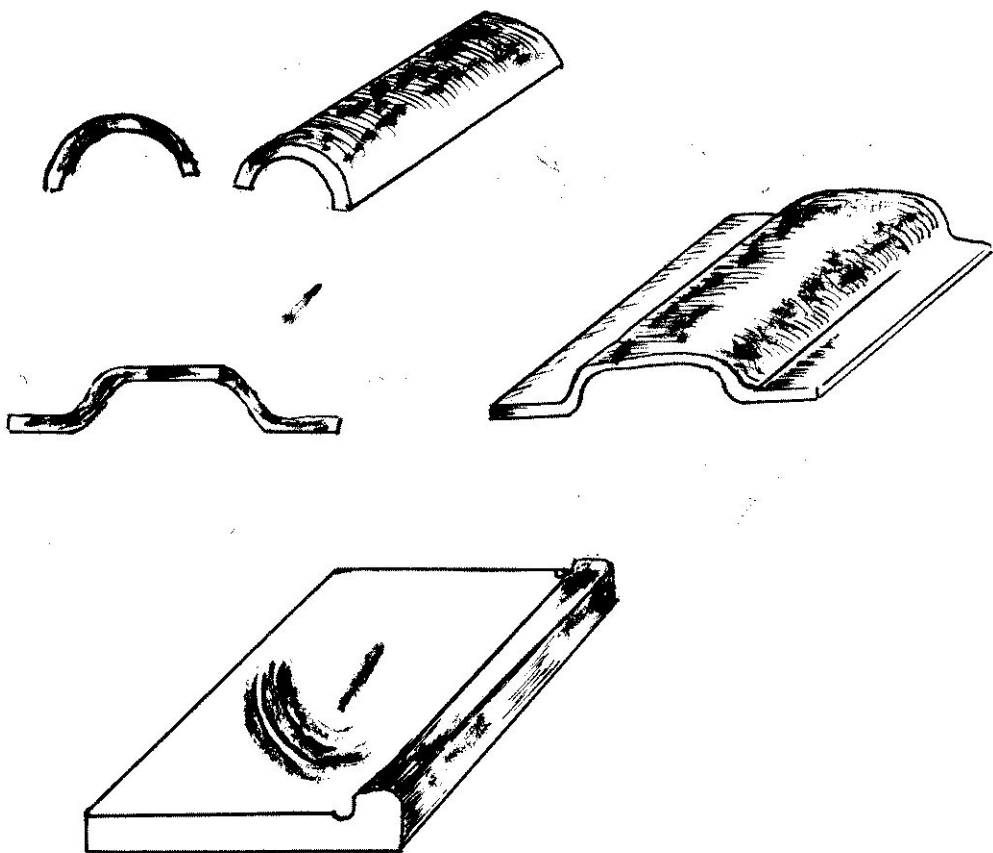
A propósito dos termos castelo ou castelos, castro e crastos, paço e paços, quintã e quintãs, seguem-se os mais correntes dentro da área concelhia. Assim, temos: lugares do Paço, em Eiriz, Meixomil e Seroa, e a sede do concelho na pluralidade de Paços.

Vamos encontrar Crasto, em Frazão; Crastos, em Penamaior e Freamunde; Castelo, em Frazão, Raimonda e Meixomil (aqui caído em desuso...) e Castêlos, entre Paços e Modelos. Quintãs situamos em Sanfins e na vila pacense.

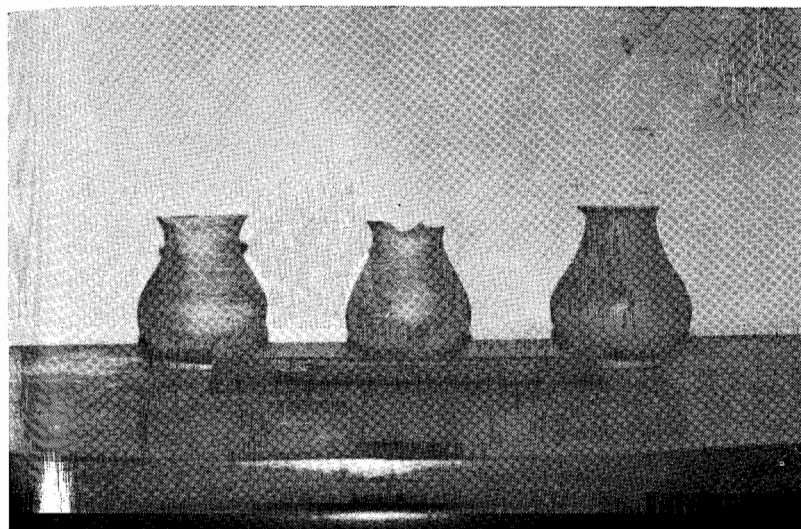
Não sem propósito também a declaração do Prof. Piel, catedrático alemão, quando afirmara: «a maioria dos topónimos nortenhos (referido a Portugal) são de fácil explicação, pois constituem indicativo de presúria, no tempo da reconquista e poucos são de formação pré-romana e visigótica».



Esboço da disposição das ruínas



Tipologia de telhas encontradas



Pucarinhas de uma jazida luso-romana dos Castêlos (imediações)



Vasilhas de uma jazida luso-romana dos Castêlos (imediações)